



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Brinde a Vladimir

A última vez que estive com Vladimir foi em um show de Fausto Nilo no Clube do Choro, em julho do ano passado. Cheguei meio atordoado e tentei avistar alguma pessoa conhecida. Enquanto fazia a varredura com o olhar, de repente, em um átimo, Vladimir levantou-se e começou a gritar em tom imperativo paraibano, apontando para a mesa em frente à qual estava sentado com Gioconda Caputo e Sérgio Moriconi: “Vai sentar aqui, cabra!”. E, imediatamente,

para meu desespero e sob meu protesto inútil, aquele senhor de 89 anos saiu carreira desabalada para pegar uma cadeira para mim.

Todos os que tiveram o privilégio de conviver com Vladimir têm alguma história de generosidade, de integridade e de afeto com ele. Mas para além da evocação pessoal, Vladimir é um dos mestres que construíram Brasília.

Darcy Ribeiro tinha como um dos lemas da sua vida a divisa: “Só se fazem mestres com mestres”. Por isso, ao criar a Universidade de Brasília, convidou 200 dos mais brilhantes intelectuais e artistas do país para lecionar na UnB. Concordo plenamente com Darcy. Todas as gerações produzem pessoas talentosas. O que faz a diferença é a educação, o acesso e a interação com

os mestres. E esse contato deve começar o mais cedo possível.

Daí, a importância da *Coleção Mestres Cobogós*, dirigida principalmente ao público infantojuvenil, mas que pode ser apreciada por leitores de todas as idades. É muito importante que as crianças e os adolescentes saibam que Brasília não é somente a capital do poder, mas, também, a da cultura. Isso tem de começar na escola.

Para quem não conhece, Maria Cobogó é um coletivo literário de mulheres brasileiras, de diversas idades, talentosas, entusiasmadas, bravas, delicadas, solidárias, guerreiras e generosas. Elas atuam em várias frentes: na escrita, na edição, na agitação e na formação de leitores. O coletivo Maria Cobogó acaba de nos brindar com um volume

de extremo apuro gráfico para celebrar Vladimir Carvalho.

Folhear o livro sobre Vladimir Carvalho de Ana Maria Lopes e Márcia Zarur da *Coleção Mestres Cobogós* é um alubrimento. O ponto alto é a interação muito rica entre o texto e as ilustrações de Valderio Costa e as fotos de Walter Carvalho, Mila Petrillo e Júnior Aragão.

A gente lê o livro como se assistisse a um documentário cinematográfico sobre a infância de Vladimir na Paraíba, os folguedos populares, a passagem do trem, as boiadas na feira, a mudança para Salvador em busca de oportunidade de aprofundamento dos estudos, a iniciação ao cinema e a saga de Brasília.

Existem lindas imagens que podem ser apreciadas, isoladamente, como se

fossem fotografias. É o caso da foto de Júnior Aragão em que Vladimir mira a galeria de esculturas com santos, cangaceiros e beatos, arrancadas da madeira pelo cineasta-escultor, que parece saída diretamente de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha. Ou as fotos de Walter Carvalho que captam a concentração, a tensão e a alegria de filmar do irmão.

Ou as xilogravuras de Valderio Costa revivendo a infância ou revelando a relação com Brasília. Mas a impressão final é de que a história de Vladimir é cinematizada no papel em uma mixagem de palavras, fotos, cartazes e gravuras. Sei que é absurda a afirmação, mas, mesmo assim, ela vem de maneira inapelável: Vladimir adoraria ler esse livro.

HOMENAGEM / Amigos, familiares, alunos e autoridades deram adeus ontem ao ícone da dança na capital federal. O velório, no Teatro Nacional Claudio Santoro, foi marcado pela emoção. Centro de Dança do DF passa a levar o nome dela

Brasília se despede de Gisèle Santoro

» MARIANA REGINATO

A bailarina, coreógrafa e professora Gisèle Santoro foi velada, ontem, no Teatro Nacional Claudio Santoro. Com a presença de amigos e alunos, sua importância para a dança do Distrito Federal e do Brasil foi relembrada com discursos emocionantes. Ela morreu na noite da última quinta-feira, aos 86 anos.

Sua filha, conhecida como Giselinha, contou feitos da mãe para a dança da cidade. “Ela corria atrás de tudo e, quando não dava certo, fazia sozinha. Sempre foi uma luta fazer o Seminário Internacional de Dança de Brasília. Uma vez, ela foi negada e decidiu que ia fazer de qualquer forma no Pátio Brasil. Ela fez lá dois anos. Eu acho que isso é uma loucura, eu falava: ‘Mãe, eu não faria isso, porque eu não sou louca igual você’. Mas ela era assim, eu tiro o chapéu para ela”, disse Giselinha, emocionada.

“Ela foi a primeira, a pioneira a criar um festival que durava três semanas e que tinha professores do mundo inteiro, dando bolsas no mundo inteiro. Era incrível. Ela foi jurada em concursos internacionais e, com isso, fazia os contatos, trazia e levava os bailarinos para fazer o seminário. A gente hospedava muitos bailarinos lá em casa, meu pai ficava louco”, lembrou.

Gisèle Loíse Portinho Serzedello Corrêa chegou a Brasília em 1962, a convite da russa Eugenia Feodorova, criadora da Fundação Brasileira de Ballet. Na capital, conheceu Claudio Santoro, com quem se casou e teve três filhos: Giselinha, Alessandro e Claudio Raffaello.

As bailarinas e os bailarinos reunidos no local organizaram um texto para mostrar sua admiração e gratidão ao trabalho de Gisèle. “Tia Gi fundou o Seminário Internacional de Dança de Brasília e a Mostra de Dança de Brasília. Esses dois projetos pioneiros na cidade de Brasília foram o coração do seu trabalho”, disseram. “Com o seminário, proporcionou oportunidades a diversos talentos, por meio da oferta de cursos no exterior, que abriu portas e possibilitou o ingresso de jovens no mercado”, comentaram.

Os alunos destacaram que Tia Gi, apelido carinhoso dado por eles, transformou em realidade os sonhos de diversos jovens. “Em seu blog,

Mariana Reginato



Bailarinas se reuniram em roda e dançaram no velório em honra à mestra da dança

Mariana Reginato



Filhos de Gisèle Santoro e familiares dão adeus à bailarina

Gisèle falou que alunos eram como filhos. ‘A gente os cria para a vida, não para nós’, ela escreveu falando sobre como se sentia quando os alunos se mudavam para estudar”, contaram.

Outra lembrança foi o foco e a dedicação da professora dentro das salas de aula. Os alunos a definiram como genial. “Quando achávamos que não havia mais nada para criar, Gisèle novamente nos surpreendia com sua genialidade. Essa genialidade se demonstrava de várias maneiras: na musicalidade, na criatividade de cada passo, na inteligência de suas combinações, sempre estudadas e pensadas para trabalhar aquilo que era preciso

naquele momento”, lembraram.

Os bailarinos também descreveram Gisèle como muito inteligente. “Na verdade, ela era puro coração e amor. A sua alma era gostosa, porque era genial. Em seus alunos e alunos maravilhosos não havia um que ela não colocasse de pé. Colocava para dançar e dançar e ela era isso, inteligência, criatividade, musicalidade e amor. Porque ela amava seus alunos”, destacaram emocionados.

Gisèle foi peça essencial na formação de centenas de bailarinos do DF. “Ela formou bailarinos e personalidades. Seus alunos aprenderam a ser resilientes, a nunca desistir, a lidar com

Mariana Reginato



Giselinha se comove quando Celina anuncia nome do centro de dança

críticas, a enfrentar o medo, a terem propósitos”, descreveram.

Para a bailarina, os alunos eram como filhos e estar dentro da sala de aula era a melhor parte do dia. “Era essa a nossa tia Gisèle. Vai deixar muitas saudades em nossos corações. Mas o que mais desejamos é que esse legado imensurável, que vai além das aulas primorosas, passe para seus alunos e que consigam perpetuar seus ensinamentos e levá-lo através de gerações”, finalizaram.

Reconhecimento

A vice-governadora do Distrito

Federal, Celina Leão, e o secretário de Cultura e Economia Criativa, Cláudio Abrantes, também foram se despedir e falaram da alteração do nome do Centro de Dança do Distrito Federal para Centro de Dança Gisèle Santoro. Celina destacou que a bailarina era uma mulher de vigor e energia e lembrou que Gisèle disse a ela que não gostaria de morrer sem ter um corpo de balé no Centro de Dança. A medida foi publicada em edição extra do *Diário Oficial* (DODF) na sexta-feira.

“Tudo que ela teve na vida foi para investir na dança. Pagava do bolso dela para que as coisas acontecessem. Acreditava na cultura, que a dança

podia transformar vidas”, comentou. “Por isso, acrescentamos o nome dela ao do Centro de Dança e vamos trabalhar para ter esse corpo de balé”, disse a vice-governadora.

Cláudio Abrantes destacou que Gisèle marcou a trajetória da capital. “Inegavelmente, do ponto de vista da cultura, a Gisèle deixou sua marca. Eu diria que, na vertente dela, ela é tão impactante quanto o esposo, Claudio Santoro”, observou. “A perseverança dela era impressionante, 86 anos lutando, procurando, querendo realizar. Eu tenho ela como uma grande amiga, uma mãezona que sempre me tratou com muito carinho”, afirmou.

“Estou feliz por esse lado, por esse reconhecimento do Governo do Distrito Federal, mas, obviamente, com um coração partido, com a tristeza de ter que dar um adeus para ela, que é uma pessoa muito querida. Vai ficar uma saudade muito grande, mas fica o legado e tudo o que ela representa para a cultura da nossa capital”, finalizou Abrantes.

Comovida com o anúncio, Giselinha falou da felicidade que sente ao ver a iniciativa sendo levada adiante. “Contem comigo para o que precisarem. Brasília merece isso, cultura é importante. É fundamental que vocês entendam isso e toquem adiante essa ideia que foi dela e do papai. Isso é muito importante. Porque hoje, se a gente tem uma orquestra sinfônica, é porque ela existe, porque o papai existe. Eu vejo que agora está na hora de fazer um pouco mais”, disse.

O corpo foi sepultado no Campo da Esperança da Asa Sul.



Gisèle Santoro formou centenas de bailarinos clássicos de Brasília

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 11/10/2025

» Campo da Esperança

Adenor Francisco Lopes, 73 anos
Agapto Almeida Carvalho, 87 anos
Agnel Ferreira Castro, 79 anos
Aldo Zorzini, 95 anos
Aparecida Fátima de Moraes, 58 anos
Arthur Timóteo Brito Nogueira, menos de 1 ano
Ayrton José Belmonte dos Santos, 31 anos
Enilda Souza de Oliveira, 87 anos
Francisco Eduardo Rego

Ramalho, 77 anos
Gisele Loise Serzedello Corrêa Santoro, 86 anos
Maria de Lourdes Ferraz de Melo Andrade, 72 anos
Moacir de Almeida, 81 anos
Areta Milhomem Rocha Barbosa, menos de 1 ano
Natália Farias Sampaio, 84 anos
Ricardo José Xavier Nascimento, 44 anos

» Taguatinga

Antônio Macedo Neto, 67 anos

Cícero Calisto da Silva, 80 anos
Igor Douglas dos Santos Soares, 35 anos
José Mar de Freitas, 74 anos
Márcia Isabel Faria da Silva, 50 anos
Maria Helena Barbosa de Sousa, 66 anos
Mariana Martins da Silva, 72 anos
Liviane Quirino de Souza, menos de 1 ano
Paulino Antônio da Silva Sobrinho, 86 anos
Salviana Pereira da Silva, 101 anos

Sandra Suely da Silva Barbosa, 52 anos
Wandeth Maria Rangel de Almeida, 86 anos

» Gama

Alfredo Antônio de Lima, 80 anos
Dorvalina Marques de Oliveira, 74 anos
Filomena Frota Marinho, 90 anos
Lina Mairy Carvalho Guimarães, 66 anos

» Planaltina

Antônio Santana Carvalho da Conceição, 54 anos
Doreedson da Costa Araújo, 56 anos
José Bernardo de Lima, 73 anos
Maria do Carmo Maciel, 79 anos

» Brazlândia

Joana de Mesquita Carneiro Sousa, 94 anos

» Sobradinho

Dayana Carla Rodrigues Pereira de Deus, 35 anos

Milton Antônio de Lima, 74 anos

» Jardim Metropolitano

Ladislaw Francisco Batko, 79 anos
Maria Lúcia da Silva Carvalho, 62 anos
Nadson Fernandes de Castro, 46 anos
Ana Maria Vince Esgalha Fernandes, 71 anos (cremação)
Neri Räder, 74 anos (cremação)